

Billings ganha diagnóstico ambiental

Água do maior reservatório urbano do País melhora após suspensão da emissão de esgotos do Tietê

Cláudia Marques
de São Paulo

O maior reservatório em área urbana do País — a represa Billings — faz hoje 77 anos. Criada com o objetivo inicial de atender às necessidades da Usina Hidrelétrica Henry Borden, em Cubatão, a Billings ganhou, na década de 90, papel estratégico no suprimento de água para consumo da Região Metropolitana de São Paulo.

Depois de mais 60 anos recebendo esgoto industrial por conta do bombeamento do Tietê — ação que contaminou o fundo da represa com metais pesados e só foi interrompida por força de lei em 1989 —, atualmente a Billings enfrenta outro problema: um processo de degradação, resultante da expansão das áreas de ocupação irregular, que preocupa técnicos e ambientalistas.

“A ocupação desordenada do solo é uma nova fonte poluidora”, alerta Marussia Wathely, coordenadora-adjunta do programa Mata Atlântica da organização não-governamental Instituto Sócioambiental. Segundo ela, o crescimento da mancha urbana — intensificado nos últimos 20 anos — “destrói a vegetação, aterra nascentes e impermeabiliza o solo”.

De acordo com Marussia, o primeiro passo para resolver o problema é informar. Para isso, o Instituto Sócioambiental deve divulgar, nos próximos dias, o relatório do diagnóstico sócioambiental participativo da bacia hidrográfica da Billings. O documento reúne informações sobre o uso do solo, crescimento populacional e outras formas de impacto a que a represa está exposta e comprometem todo o sistema de produção de água para a Grande São Paulo. “Se a degradação continuar nesse ritmo, será impossível a viabilização do uso da água da represa para consumo”, alerta.

Melhora

De acordo com dados da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), em média são usados 2,5 metros cúbicos de água por segundo da Billings para o abastecimento humano. Segundo a Sabesp e a Cetesb, que realizam o monitoramento da Billings, a qualidade da água tem melhorado constantemente desde que o

Sob suspeita							
Índice de qualidade da água da Billings (IQA)							
Ponto de amostragem	Jan	Mar	Ma	Jul	Set	Nov	Média
Próximo ao Pinheiros	65	71	67	57	69	-	66
Braço do Taquacetuba	70	68	79	84	61	61	71
Rio Grande/fora da Billings	52	47	45	48	49	49	48
Rio Grande/na Billings	57	87	87	70	56	35	65

Péssima **0-19** Aceitável **37-51** Ótima **80-100**

Ruim **20-36** Boa **52-79**

Fonte: Cetesb

bombeamento foi interrompido. Dados da Cetesb indicam que o maior problema do reservatório hoje é o excesso de matéria orgânica despejada por meio do esgoto clandestino — que provoca aumento da floração de algas e altera tanto o odor e quanto o sabor da água.

“A solução para os reservatórios da Grande São Paulo é a coleta, o afastamento e o tratamento do esgoto”, afirma Lineu Pas-

soi, superintendente da Cetesb. Ainda assim, dados de análises realizadas pela Cetesb e pela Sabesp concluem que a qualidade da água da Billings é boa. Para o técnico da Sabesp Amauri Pollachi, ao contrário do que se noticia, o bombeamento da Billings tem ajudado a despoluir a Guarapiranga. “O braço do rio Taquacetuba, que liga a Billings à Guarapiranga, ajuda a diluir a poluição, garantindo a qualidade

no abastecimento” diz Pollachi.

Ação Conjunta

Para o diretor presidente da SOS Billings, organização não-governamental localizada em São Bernardo do Campo, “a Billings não terá solução, enquanto o poder público não se unir para acabar com a invasão”. Marussia defende a lei para a proteção da bacia Billings-Tamanduatei, que está sendo elaborada e será o principal mecanismo para proteger as áreas de mananciais, incentivando a participação dos setores envolvidos — sociedade e governos. “Precisamos beneficiar quem tem essas áreas produtoras de água”, afirma Marussia.

A proposta de lei, que está sendo discutida e será formulada conjuntamente pelo governo estadual, prefeituras e representantes da sociedade civil, deve ficar pronta até o fim do ano.

Outra medida fundamental para ambientalistas e técnicos é a criação de lideranças comunitárias nos municípios vizinhos à represa e a participação efetiva de empresas da região. Segundo Francisca Adalgisa da Silva, socióloga da Sabesp, a

conscientização tem que sair do discurso ecológico e se incorporar ao dia-a-dia dos munícipes. “Não podemos subestimar o poder de agente transformador que a população tem”, afirma Francisca.

Para a socióloga, que coordena a implementação de mais de 100 projetos de educação ambiental e reflorestamento na cabeceira do reservatório, a participação do empresariado é fundamental. “O setor privado é vital na transformação de áreas nativas em reservas” lembra.

Para ela, as áreas de mananciais ocupadas podem se tornar fontes geradoras de recursos e insumos, caso haja incentivo na criação de cooperativas de catadores “Essas parcerias têm baixo custo e alto retorno ambiental e financeiro”, afirma.

A região da Billings possui uma grande riqueza ambiental que favorece a criação de áreas de lazer e centros de educação, explica Marussia. “A Billings tem uma grande chance de ter um futuro promissor”, afirma. Para ela o maior trunfo da represa é a manutenção da grande área coberta de Mata Atlântica. ■

Class. 29

Data 27/3/2002 Pg 1

Fonte G.M. (pde SP)

Documentação